

NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO

Rui Rossi dos SANTOS
ruirossi@ruirossi.pro.br
<http://ruirossi.pro.br>

RESUMO

O objetivo central do presente artigo é apresentar a crítica que Nietzsche dirige ao modelo de educação adotado pela Alemanha no século XIX. Apesar da distância geográfica e temporal dessa crítica, infelizmente ela ainda é aplicável à educação brasileira atual.

Palavras-chave: filosofia da educação; educação alemã; cultura.

1. Vida e obra de Nietzsche

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em Roecken, na Saxônia, aos 15 dias do mês de outubro de 1844 (DIAS, 1993, p. 9). Ele faleceu em Weimar no dia 25 de agosto de 1900 e foi sepultado em sua cidade natal três dias depois (DIAS, 1993, p. 13). Partiu cedo, aos 54 anos de idade, mas deixou um imenso legado.

Todas as obras conhecidas de Nietzsche foram produzidas por ele entre o final da década de 1860 e o final da década de 1880. Ele proferiu sua primeira conferência em 1866 e seu primeiro ensaio de filologia foi publicado no ano seguinte (DIAS, 1993, p. 11). As últimas obras produzidas por ele foram escritas em 1888 e, dentre elas, pode-se destacar o caso Wagner, o crepúsculo dos ídolos, o anticristo e *ecce homo* (DIAS, 1993, p. 13). A última destas obras é uma autobiografia.

Na última década de sua vida, Nietzsche nada produziu; acometido por uma crise de demência em 1889, ele foi internado em uma clínica psiquiátrica da Basileia e, no mesmo ano, foi transferido para Iena e lá permaneceu até o ano seguinte. Ele deixou a clínica de Iena em 1890 e mudou-se para Weimar, em 1897, em função da morte de sua mãe (DIAS, 1993, p. 13).

Nietzsche explorou questões de naturezas diversas. Por este motivo, seu legado pode ser empregado para desenvolver reflexões sobre diferentes assuntos. No meio acadêmico, ele tem presença marcante nos campos da metafísica e da epistemologia e é incluído nas discussões sobre moral e religião. Além disso, ele também se preocupou com a educação e isto ficou registrado explicitamente em diversas de suas obras. Entretanto, o pensamento pedagógico dele é pouco conhecido no Brasil e sequer é incluído nos estudos realizados em boa parte dos cursos de graduação em Filosofia e em Pedagogia.

2. O modelo alemão de educação

A importância que Nietzsche atribuía à educação pode ser medida por um fragmento de texto que ele escreveu em 1875: “um dia virá em que só se terá um único pensamento: a educação” (Nietzsche apud LA ROCA, 2009). O objetivo central desta pequena dissertação é exatamente de apresentar as críticas que ele teceu acerca do sistema de ensino de sua pátria e a alternativa que ele propunha para a educação.

Para atingir o objetivo supracitado, serão exploradas duas obras que Nietzsche publicou no primeiro quinquênio da década de 1870. A primeira destas obras consiste em cinco conferências que ele proferiu e que foram publicadas, em 1872, sob o título: sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino. A segunda destas obras foi publicada em 1874 e intitulada Schopenhauer educador.

Na época em que Nietzsche viveu, a educação tinha um papel fundamental para sua pátria, a Alemanha. No início do século XIX, a Prússia, que era um dos Estados alemães, sofreu uma derrota militar para Napoleão. Os Estados alemães eram independentes e autônomos e esta derrota militar foi atribuída exatamente ao fato de não haver uma união sólida entre eles. O processo educativo é eleito como a chave para a construção de uma unidade forte para a nação alemã. Em função disso, a escolarização básica se torna compulsória. A idéia é que todos os alemães recebam uma mesma formação e que, por conseguinte, se consiga homogeneizar a cultura das pessoas residentes nos diversos Estados.

Quando Nietzsche escreveu suas críticas, o sistema de ensino já havia se solidificado em todos os Estados alemães e estava dividido em três níveis seqüenciais (DIAS, 1993, p. 17). O primeiro nível do ensino era oferecido pelas chamadas escolas preparatórias e tinha a duração de três anos. O segundo nível era conhecido como o ginásio e

durava por nove anos. Depois disso, o sujeito podia prosseguir seus estudos nas universidades.

3. A crítica à educação alemã

A primeira crítica de Nietzsche que recai sobre o sistema de ensino alemão de sua época é que ele faria uso de métodos antinaturais (NIETZSCHE, 2003, p. 43). Segundo ele, valoriza-se demasiadamente a memorização como forma de aquisição de conhecimentos e a abordagem histórica para a transmissão de conteúdos. Além disso, as aulas se desenvolvem quase completamente de forma expositiva e isso implica em manter os alunos em uma situação passiva ao longo de todo o processo. O professor utiliza a boca para transmitir os conhecimentos que ele domina e aos alunos cabe apenas utilizar os ouvidos para absorvê-los. Os alunos, neste cenário, atuam como meros depósitos passivos de conteúdos.

A tese de Nietzsche é que os estabelecimentos de ensino de sua época estão sob o domínio de duas correntes de pensamento que produzem resultados nefastos. A primeira delas procura estender a cultura tanto quanto possível e a segunda procura reduzir a cultura e enfraquecê-la (NIETZSCHE, 2003, p. 44). O resultado disso, segundo ele, é um desastre completo para a educação.

A tendência à extensão caracteriza-se pelo esforço no sentido de promover a universalização da cultura e é movida por uma visão utilitarista da mesma. Por um lado, esta tendência se sustenta em um dogma de filosofia política que pode ser expresso pela seguinte fórmula:

- Adquirir cultura significa obter capacitação.
- Mais capacitação permite o aumento de produção.
- Mais produção implica em aumento de riquezas.
- Mais riquezas leva à felicidade de toda a nação.

Sob esta visão, entende-se que a cultura possui uma utilidade prática: ela nada mais é do que o conjunto de conhecimentos que permitem que um indivíduo ganhe dinheiro e que, com isso, seja feliz. O papel das instituições de ensino, neste caso, seria somente o de oferecer esta cultura para todos. Note que esta é uma visão muito reduzida do que possa ser a cultura e é exatamente esta visão que, de acordo com Nietzsche, conduzia o sistema de ensino alemão de sua época. Segundo ele, a cultura era entendida simplesmente como “[...] o discernimento [...] graças ao qual se conhece todos os caminhos que permitem mais facilmente ganhar dinheiro [...]” (NIETZSCHE, 2003, p. 61).

A tendência à redução da cultura é outra visão extremamente limitada da mesma e que se

encontrava amplamente difundida no meio educativo alemão. A divisão de trabalho no campo das ciências já era uma realidade e a figura do especialista já ganhara destaque. Segundo Nietzsche, desenvolveu-se uma veneração infundada ao erudito, que nada mais era do que um especialista em um campo muito específico de uma ciência. Entretanto, “se na sua especialidade ele está acima do *vulgus*, para tudo mais, quer dizer, para tudo que é importante, não se mostra diferente deste” (NIETZSCHE, 2003, p. 64).

Isso significa que, apesar de o especialista ter conhecimento superior no seu campo específico de pesquisa, ele está no mesmo nível de qualquer outra pessoa no que tange às questões mais importantes, ou seja, nas questões que têm alguma relevância para a vida humana e que são mais excelentes do que aquelas que estão vinculadas simplesmente à produção de bens e à sua sobrevivência. O especialista é, neste sentido, um simples operário de uma ciência vampira e se assemelha a um operário de fábrica que dedica toda a sua vida a produzir um parafuso para determinada máquina.

De acordo com Nietzsche, o sentido da existência humana reside nos indivíduos e não nas instituições ou no progresso destas. Por este motivo, a educação não deve estar a serviço do Estado, da ciência ou do mercado de trabalho; a sua missão é o contribuir para que o indivíduo se desenvolva de forma integral para enfrentar a vida. É preciso, pois, fundir a vida e a cultura e despojar-se de coisas mortas, ou seja, de conteúdos que são vazios para a vida. Segundo DIAS (1993, p. 86), Nietzsche propõe uma nova concepção de cultura e sugere que a educação centre-se no adestramento em oposição à domesticação. Enquanto a domesticação visa o desenvolvimento de um sujeito dócil e obediente, o adestramento desenvolve o sujeito consciente de regras, senhor de si, autônomo e forte. O objetivo do adestramento é permitir que o aluno se aproprie de todo o legado cultural acumulado ao longo da história e que possa utilizá-lo de forma autônoma para sua própria vida.

4. Referências

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 1993.

LA ROCA, Maria Eugênia Carvalho de. **A educação em Nietzsche**: chega-a-ser o que tu és. Revista Morpheus. Rio de Janeiro, ano 4, n. 6 jan.-jun./2005. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/Maria_Eugênia.htm>. Acesso em: 30 jun. 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Loyola, 2003. Tradução de Noéli Correia de Mello Sobrinho.